

**ALDEIA KOIUPANKA - O “NOVO” E O “TRADICIONAL” COMO
FORMA DE HABITAR**

**VILLAGE KOIUPANKA - THE “NEW” AND THE “TRADITIONAL” AS DWELLING
MODE**

Marcos Rodrigues Lins

Universidade Federal de Alagoas -UFAL

Discente do curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus Sertão

Moabe Soares Lima

Universidade Federal de Alagoas -UFAL

Discente do curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus Sertão

Tiago Vieira Lima

Universidade Federal de Alagoas -UFAL

Discente do curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus Sertão

Mateus Lima Barros

Universidade Federal de Alagoas -UFAL

Discente do curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus Sertão

Roni da Silva Araújo

Universidade Federal de Alagoas -UFAL

Discente do curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus Sertão

Wellington Amâncio da Silva

Universidade Estadual da Bahia – UNEB

Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus VIII. É vinculado ao Grupo de Pesquisa “Ecologia Humana” – UNEB/CNPq. Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS) UNEB/CNPq. Núcleo de Estudos Socioeconomia do Desenvolvimento Sustentável – Universidade do Estado da Bahia-UNEB/CNPq.

Resumo

Este artigo apresenta um breve estudo em que objetiva identificar pontos cruciais para compreender os contrastes gerados pela adoção arquitetônica e estrutural moderna. Portanto, buscamos identificar sua evolução, razões e justificativas para a mudança e compreender os impactos causados pela adoção do “novo” em detrimento do assim denominado “tradicional”. O estudo ocorreu no *lócus* da aldeia denominada Koiupanka (Inhapi-AL). Consideramos ainda as redefinições de *habitar*, segundo a noção dos seus habitantes, para entender o propósito da mudança dentro desse microcosmo.

Palavras – Chave: Koiupanka; arquitetura; estrutura; habitar.

Abstract

This article presents a brief study in which aims to identify critical points for the contrasts generated by the modern architectural and structural adoption. Please see their evolution, the reasons and justifications for change and the impacts caused by the adoption of the "new" to the detriment of the so-called "traditional". The study the study took place in the village named Koiupanka (Inhapi-AL). We also consider redefinitions of *dwelling*, according to the notion of their habits, to understand the purpose of the change within the microcosm.

Keywords: Koiupanka; architecture; structure; dwell.

1. Introdução

Pensando em uma pesquisa com sua abordagem por um ponto de vista na Engenharia Civil, começamos a questionar sobre a mudança dos modelos estruturais da aldeia, visto que, a cultura sendo dinâmica, está em constante mudança, lenta ou adiantada; hoje em dia diversas aldeias têm sua localidade transformada de acordo com a vizinhança urbana, mas deve-se analisar se esta mudança tem um benefício, se de fato houve a necessidade de mudança, e seus prós e contras.

Como objetivo geral buscamos compreender o significado da mudança do modelo nativo de moradia para o modelo habitacional do tipo “casa de alvenaria”. Com os objetivos específicos buscamos: a) apresentar narrativas sobre a compreensão da função ou utilidade das moradias do passado e do presente, considerando seus sistemas organizacionais, construtivos e estruturais; b) realizar um levantamento dos modelos das antigas casas e do modelo atual de moradia adotado considerando as justificativas dos seus moradores quanto à funcionalidade dos seus interiores (cômodos), no que diz respeito à manutenção da qualidade de habitar, à qualidade de vida; c) analisar as estruturas e metodologias de construção da aldeia Koiupanka de Inhapi/AL, no presente e no passado a partir de pesquisa de campo e entrevistas; d) detectar quais as influências e como se justifica a escolha pela “casa de alvenaria”; e) compreender as implicações das novas e antigas moradias relativamente à organização sócia habitacional, suas diferenças, vantagens e desvantagens, verificando os pontos positivos e negativos a partir dos relatos dos membros da sociedade Koiupanka.

As pesquisas de campo foram de suma importância para elaboração deste material, a composição vem de um acervo de relatos escritos, gravados e fotográficos, juntamente com estudos antes realizados, e estudos de uma perspectiva no ramo da engenharia civil, buscando compreender a qualidade ou falta da mesma nas estruturas e organizações estruturais da aldeia.

2. Da moradia como um conceito base

Em princípio deve-se compreender o conceito que se dá a palavra primordial neste texto. Moradia, é uma concepção que evoluiu através dos tempos, em seus mais variados sentidos, antes de tudo devemos compreender sua essência excêntrica. Moradia define tudo que se possa habitar, o buraco de um tatu é sua moradia da mesma forma que a casa contemporânea é nossa

moradia, mas não é somente onde se vive que denomina moradia, não carece de ser um lar, portanto este termo é despreendido da característica lar, pode-se dizer que a fábrica é a moradia do operário que trabalha doze horas por dia ou mais, não é seu lar, mas tornou-se sua moradia a partir da perspectiva de que passa maior parte de seu dia, e/ou noite na fábrica; e desta forma todo lugar tem uma excentricidade de moradia, seja lar ou não.

Contudo esta definição acima é fruto da contemporaneidade, moradia era associada a barracas, estruturas de pequeno porte, como cabanas, choupanas e etc... Em suma eram construções “pobres”, Domus era a palavra advinda da Roma Antiga para designar moradias de qualidades como casas grandes, estruturas de grande porte; posteriormente, moradia passa a substituir Domus e os conceitos se unem e moradia agora é local de habitação, de pequeno ou grande porte, a partir deste ponto não importa a qualidade e sim a significância para o indivíduo que no local encontra o sentido de habitar.

3. Do nascimento de um grupo social

Nesta produção textual há o objetivo de identificar os pontos importantes da adaptação à contemporaneidade em questões estruturais, arquitetônicas e organizacionais da aldeia Koiupanka, para tal precisamos compreender como se formou o grupo. A Aldeia que hoje conhecemos como Koiupanka, descendem do grupo Pankararú, situado geograficamente no estado de Pernambuco. Historicamente sabe-se que este é um povo de demasiada turbulência em sua trajetória por ter sido formada pela junção de vários outros grupos como afirma Arruti (1996, p. 9): “[...] um grupo de índios provenientes de diferentes tribos: ou transferidos de aldeamentos recém-extintos, ou fugidos da perseguição bandeirante, ou simplesmente recolhidos de sua perambulação vagabunda [...]”

Nenhum dos grupos que se uniram compartilhava dos mesmos conceitos existências, apesar de terem se unido eram grupos diferentes com culturas mais diversas ainda que da mesma época, e essa diferença tinha grande impacto, e nenhum cedia à transformação cultural, e isto levava aos conflitos. Neste contexto de desigualdade ainda há a intervenção cristã e de interesses políticos, e a principal chance de sobrevivência do ser como indígena puro (sem alterações culturais/religiosas) passa a ser dispersar-se, e surge aí a alternativa de novas possibilidades, encontrar um lugar que lhe sirva de moradia, sem preceitos políticos/religiosos estabelecidos; entre estes que se refugiaram, encontra-se os Koiupanka. A formação Pankararú dependia do cultivo da terra para sobreviver, e estas culturas variadas vêm a cultivar mandioca,

milho, batata-doce, feijão etc... Então peregrinam agora da aldeia situada no Brejo dos Padres, Pernambuco em busca de terras que sejam boas para o cultivo.

Os Koiupanka se constituem em três aldeias atualmente sendo elas, Baixa do Galo, Baixa Fresca e Roçado que é a que vamos explicar em nosso estudo por ser a sede, e principalmente onde se deu sua formação. Tem-se início com a chegada de Anselmo Bispo de Souza no ano de 1883, marcou seu território através de caçadas mata á dentro onde construiu seu rancho e em volta cultivou os roçados, denominando-se ali posteriormente Aldeia Roçado, depois de estabelecido seu território para um recomeço, abre oportunidade a seus irmãos e familiares.

O cacique atual, Zezinho, explica como se deu a chegada de Ancelmo e os demais e a delimitação do território, tornando ali sua moradia e de seus futuros descendentes. As características a priori da aldeia Roçado, denominada como “ás matas”, por haver somente uma vasta floresta e animais para caça, era conhecido antes de sua chegada em 1883, pois seu pai Bispo, já conhecia o local, e frequentemente falava de quão tranquilo era ali e as condições necessárias para haver vida em abundância.

A construção do rancho de Ancelmo marcou início a formação do território, seus roçados tornaram evidente a marcação, pois os Pankararu, agora Koiupanka eram extremamente habilidosos com a agricultura, ao passar dos anos, o que era floresta abre espaço as roças do primeiro Koiupanka; ao visitar Ancelmo seus parentes perceberam o quão fértil era aquele solo e sossegado longe dos conflitos anteriormente citados, e se mudam para lá, pouco a pouco. A formação inicial da aldeia se dá por “ocas” e roças à sua volta, conceito muito usado em sítios atualmente, onde facilmente podemos imaginar uma casa no meio de um terreno, com sua porta virada para a passagem de acesso, e entorno da casa um amontoado de terra com plantio, este era o modelo, que perdura em alguns sítios atualmente, prova de que a influência exterior modifica um grupo social, mas não muda sua essência.

Era notável a fertilidade que havia o solo antes conhecido como “ás matas” através de Bispo; e passa a migrar homens, não indígenas, em busca destas condições, após a chegada dos homens brancos, se tem conflitos religiosos, políticos e geográficos (brigas por terras), e a população veio a crescer, tornando-se posteriormente uma cidade, conhecida por Inhapi, que em tupi; *INHA* significa água e *PI*, pedra, em apologia as conhecidas lagoas próximas ao roçado de Ancelmo. A concepção das outras aldeias Koiupanka se dá pelos familiares de Ancelmo que se dispersão nas proximidades e expandem lá sua linhagem genética.

4. Organização estrutural

A partir da formação do povo como um grupo territorialmente demarcado, é de se pensar no convívio entre eles, que com pensamentos diferentes em um local sem nenhum sistema podem retornar facilmente a conflitos, então precisa ser estabelecida uma relação apaziguada entre eles; O que para Hobbes só é possível com a formação de um Estado, porém de modo significativo, o Estado neste grupo seria um Líder que os regessem e organizassem visando manter a ordem, fator primordial para a vivência social. Hobbes (2014 , p. 138) afirma que

A causa final, fim ou desígnio dos homens (que apreciam naturalmente, a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir a restrição a si mesmos que os leva a viver em Estados, é a preocupação com sua própria conservação e garantia de uma vida mais feliz [...].

A formação estrutural então vem a ser organizado na forma que represente o poder, o centro da aldeia é facilmente identificada pela oca do agora cacique Ancelmo, em volta tem outras ocas dos seus contemporâneos que migraram após ele para lá, e depois das ocas que cercam a do cacique temos os roçados, e pouco mais abaixo um terreno limpo para realizar as cerimônias religiosas; agricultura é a principal habilidade dos Koiupanka, eles separavam enormes blocos para o plantio com uma organização expandida, tinha as ocas para armazenar também toda a comida coletada para que em épocas secas houvesse alimento, e este sistema teve êxito, e como dizia o pai de Ancelmo, foi confirmado que ali poderia haver vida de qualidade.

5. Da formação da infraestrutura

Partindo ao exílio em terras férteis e tranquilas, Ancelmo chega onde hoje é a aldeia, e constitui seu território com processos construtivos, embora comuns, eram métodos bem avançados, na época não se tinha materiais de construções, tudo tinha de ser pensado e feito por ele.

Era necessário que o local escolhido fosse harmônico, fértil e relativamente de fácil acesso à água, então ele decide que será perto das *pias*, local que deu nome a cidade posteriormente; então era próximo d'água, conseqüentemente tinha um solo fértil, e um ótimo

relevo, sobretudo é situado no início de uma serra, alta o suficiente para ver quem chegasse, ainda que longínquo tempo bastante para se proteger, ou recepcionar; portanto se encaixava perfeitamente no que Ancelmo procurava, ele começa a construir, primeiro faz sua moradia a oca; sua moradia é do modelo taipa, basicamente o processo é simples, no caso da oca ela é de paredes circulares, seu diâmetro varia de aproximadamente três á cinco metros, com uma cobertura semelhante a um cone, há somente um cômodo, para viver em família possivelmente numerosa haveria um impasse.

6. A oca

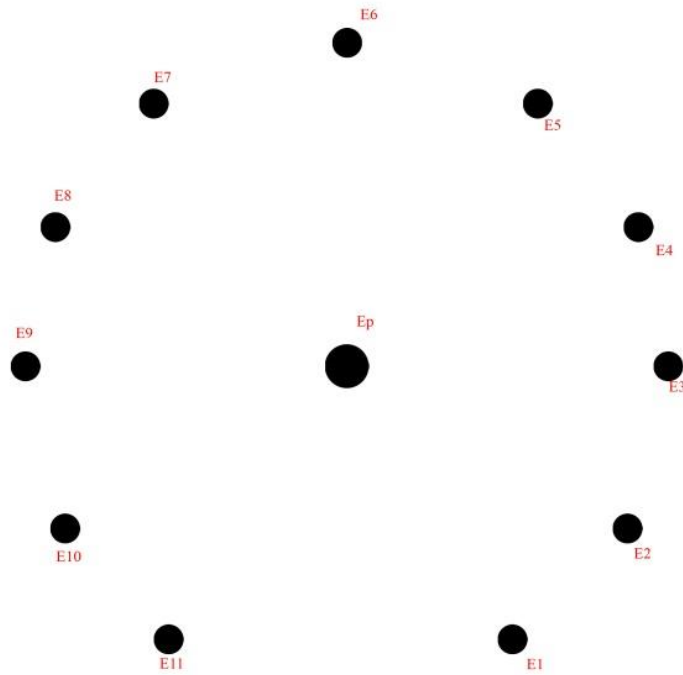
A oca (Foto 01), construída com modelo taipa tem um processo simples que necessita de materiais facilmente encontrados ao redor para sorte de Ancelmo; para erguer as paredes precisa primeiramente separar madeiras curtas, ou flexíveis que possibilitem fazer uma circunferência, um tronco alto para servir de centro estrutural, depois de separado este material, vem o novo desafio; montar a estrutura é basicamente, determinar o centro, e fincar no solo o tronco para tal finalidade (estaca principal), em volta fazendo uma circunferência ergue estacas, como na **imagem 01**; e entre elas, vai entrelaçando ou amarrando as madeiras, deixando obviamente o espaço para entrada/saída, **imagem 02**, após esta etapa faz-se a estrutura da que vai receber a cobertura, que são madeiras que vão da Estaca principal até as estacas menores da extremidade da circunferência, **imagem 03**; findando este processo, está concluída a estrutura. Agora prepara o barro, o qual há em abundância no local, junta um amontoado e nele despeja água e meche como uma receita de bolo simples; ao ficar uma pasta relativamente densa, este é o sinal de que está pronta, e vai aplicando camadas sob a estrutura vertical (paredes) até cobri-la com êxito, após esta tarefa, oitenta por cento se concluiu e depois do endurecimento do barro, com palhas de coqueiros, ou semelhantes, cobrir a estrutura, fazendo um telhado em formato de cone. Este é o primeiro processo construtivo dos Koiupanka, um passo para sua demarcação territorial/social.

Foto 01 – Oca



Fonte: os autores

Imagem 01



Fonte: os autores

Imagem 2

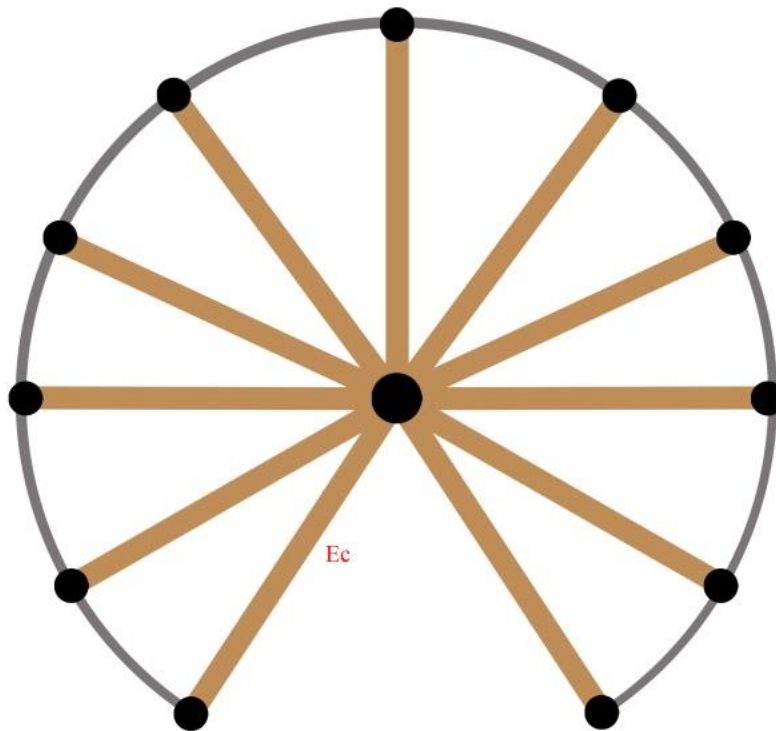
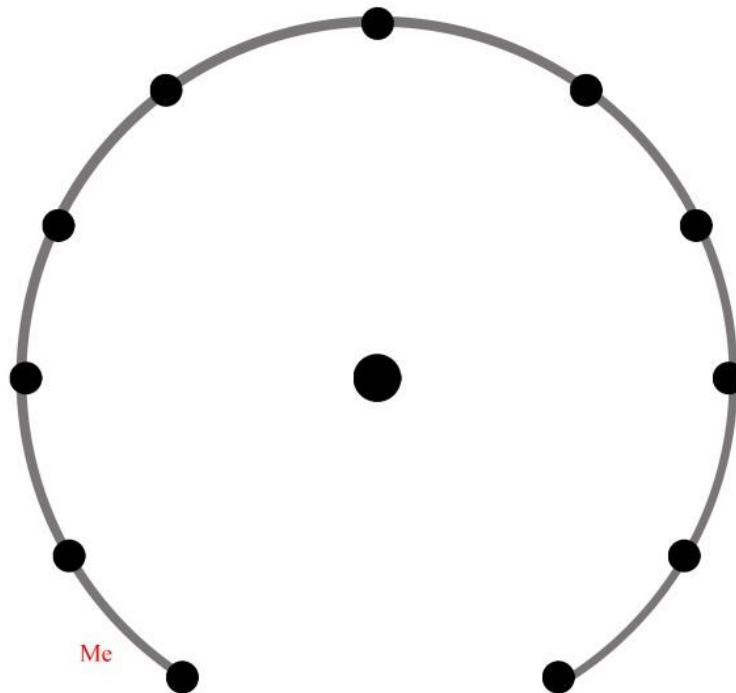


Imagem 03



Fonte: os autores

Moradia constituída, agora trataremos do entorno, como mencionado antes, os Koiupanka descendem de uma cultura diversificadamente influenciada, por outras culturas indígenas, e, portanto, seus conhecimentos agrônomo são bem expandidos, e ele faz a instalação desses roçados á volta de sua oca, um pouco mais abaixo.

Este então vem a ser o primeiro processo construtivo e organizacional da aldeia, e sua arquitetura lembra seus condescendentes, os Pankararu, com particularidades agora, por se distinguir como um novo povo. Com a vinda de parentes e semelhantes, este esquema organizacional precisa ser ampliado, então há mudanças nas formas organizacionais agora tem ocas ao invés de somente uma, cada família tem a sua, agora eles precisam de espaços para realizar festividades de suas crenças culturais e religiosas, então se faz um campo, de formato retangular a frente da oca principal, do líder, o Cacique, mestre das cerimoniais e governador de seu povo.

7. Do aspecto sócio-históricos e suas dificuldades

Após a vinda dos homens brancos, e constituição da cidade *Inhapi*, a população cresce de forma grandiosa, e na cidade que é próxima a aldeia, institui-se ruas, casas, comércio, e tudo quanto conhecemos atualmente, com uma arquitetura e um sistema organizacional contemporâneo, órgãos de assistência como escolas, hospitais saneamentos e eletricidade, são extremamente importantes para a manutenção da sociedade; na aldeia agora temos crianças, crescendo e elas precisam estudar, precisam de saúde, mas a estrutura antiga não comporta tais conceitos para o novo, precisamos desligar-nos do antigo, ou por parte do mesmo, para progredir; a medicina natural, não dá conta da demanda, a educação não tem qualidade, tudo vem a mudar após o reconhecimento da aldeia como legítima, pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio); agora há o incentivo para manutenção da sociedade indígena, e a luta para mantê-la, mas para isso, desprender-se de certas coisas é necessário, tudo a sua volta está progredindo, o que era somente mata, aos poucos se torna uma pequena *polis*, e começa a ser notável o contraste entre cidade e aldeia, conseqüentemente contraste na eletricidade, no abastecimento hídrico, e na infraestrutura, tudo isso falta na aldeia para a progressão da vida, o método de pensar se transformou com o passar do tempo vindo a cidade a sua volta crescer e evoluir, e percebe-se então a necessidade também de eletricidade, água potável, um atendimento médico, e uma educação apropriada; após seu reconhecimento, passa por processos, **reconstrutivos** que

vão adaptar e incluir o grupo Koiupanka a sociedade sem perder sua identidade cultural/religiosa, esta repaginação se dá com a construção de escolas, posto de saúde e a sede da aldeia, em estrutura de alvenaria, por motivos de segurança, praticidade, e principalmente durabilidade, instalação de rede elétrica, e água encanada, eles agora tem acesso a uma educação de qualidade, um atendimento à saúde, e um centro administrativo a caráter. Instalações sempre no centro da aldeia, os indígenas percebem o quão superior é o novo método construtivo.

Anteriormente não tinha acesso a banheiro, banho de chuveiro, uma sala, quartos, era somente um salão, com solo de barro batido, e paredes semelhantes, com um frágil telhado de palha, que facilmente voava em relação à força do vento, mas surge uma chance para um recomeço trocar a moradia antiga por uma nova, aos poucos e de forma incrível, comprova-se o que Laraia (2005) escreve em “*Cultura: um conceito antropológico*”, a respeito de que a cultura de determinado grupo está sempre mudando, de forma dinâmica, lenta ou apressada; neste caso ela partiu do lento, e foi progredindo até chegar ao (bum!) do dinamismo cultural, quando as casas começam a surgir uma após a outra e a característica visual se transforma, o que era antigo, agora é mestiço, pois mudança é necessária, mas não se deve perder a identidade, atualmente existe do começo da aldeia somente algumas ocas e o campo de cerimônias, sinal mais forte de sua identidade e por isso não poderiam de forma alguma altera-la.

8. Considerações finais

É plausível a consistência deste grupo indígena, em conseguir um *tópos*, ou moradia, longe de preceitos políticos/religiosos, para exercerem suas crenças e manterem sua identidade, em um processo árduo de transformação. Analisamos a luta pela sobrevivência de um povo, em um lugar onde pudessem viver em paz com abundancias naturais, que proporcione prosperidade ao povo Koiupanka, depois de tanto sofrimento em terras longínquas; passam por vários pequenos processos, que vão dando característica ao lugar, a característica própria deste povo, primeiro escolhe o lugar, segundo se faz sua moradia, e ali a sua volta cultiva e procria, dando vida a sociedade, que aos poucos cresce a definição de um pequeno poder de Estado e leis internas para manter a paz entre eles; esta análise nos faz perceber o quão complexo é o conceito de mudança, e que o núcleo que estas alterações no espaço são feitas é o homem, este ser que necessita sempre evoluir. A mudança arquitetônica e estrutural é uma forma precisa de estudo de um povo, e ao analisar os processos, seja bom ou ruim, fica marcado a conquista de um povo

através de um ponto de vista, crítico construtiva, e o poder da influência cultural em relação ao homem e tudo que o rodeia.

Neste sentido, vimos como se deu a transformação de um povo em sua forma de habitar que é reflexo de sua cultura, e a influência externa de outra cultura causou impactos na aldeia, pois começa a gerar uma comparação entre um e outro, e cria-se a ambiguidade de moradia. A princípio a aldeia de forma tradicional, era perfeita para viver, não tinha necessidades que não fossem sanadas, mas com a chegada dos homens brancos e o início de suas instalações de alvenaria, com materiais de construções pré-produzidos, era espantoso o conforto, comodidade e segurança em comparação a aldeia, e levantou questões dentre os indígenas sobre o que era melhor para si, o que os levou a opção da reconstrução.

Cederam a sua forma intacta ao contemporâneo, e a forma de viver aos poucos vai melhorando comparado a idos. Nestes quesitos só se encontra satisfação em meio às entrevistas e pesquisas realizadas; em contrapartida, o que se enquadra em desvantagem desta mudança, é que embora lutado para manter sua imagem, uma vez que alterada, já não é mais a mesma, e se utilizado deste artifício a aldeia perde um pouco de sua identidade, pois já não se vivem como o povo tradicional, agora, um jovem Koiupanka acorda em seu quarto pintado de azul marinho, e vai direto ao banheiro ao lado da sala de estar, onde se prepara para ir à escola com seus semelhantes, já não “*puros*” como Ancelmo, mas agora reconstruídos, uma junção do velho e o novo, deste estudo nos resta em curtas palavras: “A transposição que se faz do velho para o novo na maior parte das vezes é benéfica, mas a partir do momento que se é concretizada, perdem-se também os ideais, agora do que é bom e o que é mal tem conceitos diferentes, um oposto do outro, há uma dualidade de existência, e a ambiguidade ganha forças, e se mostra necessária no processo de evolução”.

9. Referências

LARAIA, Carlos. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 18ª Edição. São Paulo: Ed. Zahar 2005.

ARRUTI, José Maurício. **O Reencantamento do Mundo**. Publicado 1996. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, José João (Cacique Nezinho): **depoimento** (16.09.2017). Biblioteca Municipal do INhapi. AL. Consulta em 12 de Janeiro de 2017.

ARRUTI, José Maurício. **“A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco”**. Rio de Janeiro. Ed. Contra Capa: 1999.

SILVA, Cícera. **Depoimento** (21.09.2017). Biblioteca Municipal do INhapi. AL. Consulta em 12 de Janeiro de 2017.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2014.